

# AS NOVENAS NA ZONA RURAL DE CATALÃO: UMA ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE AS FAZENDAS RIBEIRÃO, MATA PRETA E TAMBIOCÓ<sup>1</sup>

Alaor de Abreu Gomes Júnior<sup>2</sup>  
Teresinha Maria Duarte Mendes<sup>3</sup>

**Resumo:** Este artigo faz parte do projeto “As novenas na zona rural de catalão: momentos de festejo, louvor e transgressão: (Dos primórdios da cidade à década de 1960)”. O objetivo do presente estudo é analisar as experiências religiosas populares, no processo de realização das novenas, nas comunidades rurais Ribeirão, Mata Preta e Tambiocó, no município de Catalão, a partir das memórias de representantes desta cultura religiosa.

**Palavras-chave:** cristianismo, catolicismo popular, cultura popular, comunidades rurais, memória.

**Abstract:** This article is part of the project “Novena in the rural area of Catalan: moments of celebration, praise and transgression: (From the beginnings of the city to the 1960s)”. The purpose of this study is to analyze the popular religious experiences in the process of realization of novenas, In rural communities Ribeirão, Mata Preta and Tambiocó in the town of Catalan, from the memories of representatives of religious culture.

**Keywords:** christianity, popular catholicism, popular culture, rural communities, memory.

Este estudo foi desenvolvido a partir de pesquisas realizadas no projeto “As novenas na zona rural de catalão: momentos de festejo, louvor e transgressão: (Dos primórdios da cidade à década de 1960)”, cujo objetivo é fazer uma análise comparativa acerca das manifestações católicas populares mais antigas – as novenas – em três comunidades rurais de Catalão, a saber: a Fazenda Ribeirão, a Fazenda Mata Preta e

---

<sup>1</sup> Inicialmente, este artigo foi uma comunicação proferida no *Encontro Nacional dos Estudantes de História*, realizado, em Cuiabá-Mt, nos dias 2 a 9 de setembro de 2007.

<sup>2</sup> Graduando em História e Bolsista de Iniciação Científica (PIBIC) do CNPq, desenvolvendo o sub-projeto de pesquisa *As Novenas na Zona Rural de Catalão: Momentos de festejo, louvor e transgressão (Dos primórdios da cidade à década de 1960)*.

<sup>3</sup> Professora Adjunta do Curso de História da Universidade Federal de Goiás – Campus Catalão. Coordenadora do Projeto O CRISTIANISMO: concretizações históricas. Orientadora da Pesquisa. Graduada em História pela Universidade Católica de Goiás; Mestrado em História das Sociedades Agrárias pela Universidade Federal de Goiás e Doutorado em História pela Universidade de Brasília.

a Fazenda Tambiocó. As nossas fontes são os relatos feitos pelo sr. Orlando Limírio,<sup>4</sup> pelo sr. Manoel Aristeu<sup>5</sup> e pelo o sr. Jorge Bernardes,<sup>6</sup> pois consideramos a memória destes indivíduos, como um *locus* privilegiado de sobrevivência daquelas práticas.

É interessante esclarecer que as antigas novenas eram manifestações religiosas em louvor a um santo de devoção. As que estamos estudando eram também acompanhadas, por formas de sociabilidades, como a festa. O nome novenas advém do fato da referida manifestação religiosa se realizar numa seqüência de nove (9) dias consecutivos. Estudar as antigas novenas que se fazia em Catalão, antes da década de 1960, é estudar o Catolicismo popular, o qual se volta para as manifestações religiosas desenvolvidas entre o povo, não ligadas a instituições, nem a liturgias oficiais, leis e hierarquizações. Diferentemente do Catolicismo institucional, o Catolicismo popular possui uma relação direta com os seus devotos, através da cultura popular.

A investigação histórica acerca deste objeto está sendo feita levando em consideração as contribuições teórico-metodológicas da História Cultural, mais especificamente da memória. Márcia M. D'Alésio, ao discutir memória e história, a partir de Maurice Halbwachs, diz que entre memória e história existe semelhança e diferença. A semelhança é que ambas evocam o passado e a diferença está no fato que “a história começa onde a memória social acaba e a memória social acaba quando não tem mais como suporte um grupo. Ou seja, a memória social é sempre vivida física ou afetivamente” (D'ALÉSIO, 1993, p. 98).

Porém, como a própria autora admite, o grupo social que é suporte da memória coletiva pode vir a desaparecer, com o tempo e a morte biológica daqueles que o compõe. Neste caso, a única maneira de salvar as lembranças é através do registro das mesmas. Então vimos que o recolhimento destas lembranças seria o caminho para dá-las a conhecer a outras gerações, bem como para estudá-las. Escolhemos recolher tais lembranças, por meio de entrevistas, isto é, como fontes orais.

---

<sup>4</sup> O sr. Orlando Limírio nasceu na própria comunidade, lavrador, tem 82 anos e é uma das poucas pessoas que ainda vivem e participaram das antigas novenas da fazenda do Ribeirão.

<sup>5</sup> O sr. Manoel Aristeu tem 74 anos, era lavrador e participante das novenas na Fazenda Mata Preta.

<sup>6</sup> O sr. Jorge Bernardes nasceu no Tambiocó, onde fundou a capela da comunidade.

Segundo Verena Alberti, a especificidade da fonte oral está em entender como que as pessoas e grupos sociais experimentaram o passado, interpretando acontecimentos e conjunturas. As múltiplas formas que os indivíduos efetuaram e elaboraram experiências diante dos momentos vividos no cotidiano, incluindo situações de aprendizado e decisões estratégicas, recebem o nome de “História de experiência”, desenvolvida principalmente em textos alemães (ALBERTI, 2006, p. 165). Alberti ensina que a memória de um grupo constrói sua identidade. A compreensão da sociedade está sujeita ao estudo das memórias, dos grupos sociais (ALBERTI, 2006, p. 167).

Os nossos entrevistados são: um ex-rezador, um devoto e um ex-festeiro. Todos eles foram pequenos agricultores, moradores ou ex-moradores das já citadas fazendas de Catalão (Ribeirão, Mata-Preta e Tambiocó). Consideramos a memória destas pessoas, como um manancial para o conhecimento histórico acerca das formas de religiosidade popular local.

Assim, pelos relatos do sr. Orlando Limírio, viemos a saber que as novenas na Fazenda Ribeirão eram realizadas nas casas das pessoas da comunidade. Ao final de cada festa era sorteado o novo festeiro, o responsável pela continuidade daquela festa. Na residência do festeiro, reunia grande número de devotos e vizinhos, onde todos organizavam a estrutura da festa; destarte ficava um grupo de pessoas para fazer a torda e outro grupo responsável pela distribuição do café. Havia muitas funções que se faziam necessárias para a realização das antigas novenas, ou seja, os diversos juizados.<sup>7</sup>

Ainda, de acordo com o sr. Orlando Limírio, no passado, todo o lucro oriundo das antigas novenas na comunidade do Ribeirão era destinado a pagar as despesas da própria festa ou se guardava o dinheiro para a realização da festa do próximo ano. Com isso, os moradores da região do Ribeirão preservavam a novena, como o sr. Orlando Limírio deixou claro:

---

<sup>7</sup> Juizado era cada função necessária para o bom andamento da festa: da sua organização à sua realização, como o juizes do café, das velas e dos foguetes, da preparação do altar, etc.... Cf. Entrevista com sr. Orlando Limírio, para o projeto “As novenas na zona rural de catalão: momentos de festejo, louvor e transgressão: (Dos primórdios da cidade à década de 1960)”, em18/04/2007, fl. 6).

Sim, se viesse lucro ia pra despesa maior, gastava tudo primero na comunidade né, então êses fazia de acordo, assim, se tivesse lucro êses pegava e dexaava às vez na festa pra otra festa, ou se não, fazia a despesa maior, quando não dava a pessoa fazia despesa por conta própria mesmo. E às vez num dava por que o leilão era pequeno, num dava, [...], então êses fazia por conta dêses. Fazia tudo de acordo como era pra sê feito, né (Entrevista com sr. Orlando Limírio, 2007, fl.6).

Mas, podia ser que não entrassem recursos do ano anterior e nem os leilões do ano em curso fossem suficientes; então, o festeiro deveria fazer a festa por sua conta. Era uma obrigação, da qual não podia se furtrar.

As antigas novenas, nas comunidades rurais da Mata Preta e Tambiocó, também, eram realizadas nas casas dos respectivos festeiros, onde se concentrava grande número de familiares e amigos, como o sr. Manoel Aristeu fala: “[...] De parente [...] ia assim [...] sempre tinha os amigo né, que nós participava muito, nós ia nas apresentação deles [...]” (Entrevista com sr. Manoel, 2007, fl.2).

Com relação à interferência da Igreja Católica nas antigas novenas, em Catalão, o sr. Orlando Limírio, da Fazenda Ribeirão, afirma que não havia comunicação com os padres, na cidade. Mantinha-se a total liderança popular naqueles festejos na região do Ribeirão. Disse: “[...] a festa nós fazia nem comunicava com o padre, nós marcava [...] e fazia a festa” (Entrevista com o sr. Orlando Limírio, 200, fl. 2). Portanto, a festa era conduzida pelos membros da comunidade.

O sr. Jorge Bernardes, da Fazenda Tambiocó, também enfatiza esta condução da festa pela comunidade. Sendo perguntado sobre quem liderava a festa, na Fazenda Tambiocó, respondeu prontamente: “Era, nós que liderava, nós liderava (...).(Entrevista com sr. Jorge Bernardes, 2007, fl. 2): Na Fazenda Mata Preta, também ocorria uma liderança total dos leigos na administração e condução dos festejos religiosos. O sr. Manoel, por sua vez, fala: “[...]era como se diz, sabe, festa quem faz festa [...] é, nós, né, quem faz festa é o povo né, o povo que faz a festa [...]” (Entrevista com sr. Manoel, 2007, fl. 3).

Assim se vê que as antigas novenas, que eram realizadas na zona rural de Catalão, embora se identificassem como católicas, eram realizadas sob a liderança de pessoas leigas, sem a presença de representantes oficiais da Igreja Católica, pois até os primórdios da década de 1960, a

influência da Igreja Católica ainda era muito incipiente nas zonas rurais do município. Isto resultava da grande extensão do município e da precariedade dos meios de transporte. Assim, a ação do clero ficava mais circunscrita ao núcleo urbano da cidade.

Catalão surgiu como um povoado na Capitania de Goiás, ainda durante o período colonial, pelos meados do segundo quartel do século XVIII, como um ponto de apoio para as bandeiras que saíam de São Paulo, para Goiás, em busca de ouro. Não obstante, ao longo de um século, o povoado cresceu e, segundo o memorialista local, Cornélio Ramos, o povoado de Catalão foi elevado a “Vila em 12 de fevereiro de 1834, a Cabeça de Distrito em 12 de maio de 1837, e à categoria de cidade em 20 de agosto de 1859” (RAMOS, 1984, p. 23).

Embora elevada à categoria de cidade em 20 de agosto de 1859, o seu centro urbano era relativamente pequeno diante da extensão do seu município, que, no começo do século XX, ainda compreendia uma área de 18.000Km<sup>2</sup>, englobando localidades, hoje, já cidades emancipadas como: Goiandira, Cumari, Ouvidor, Três Ranchos e Davinópolis. Portanto, Catalão era predominante rural.

Entendemos que isto tem uma relação, com o processo estudado pela Prof<sup>a</sup>. Cristina de Cássia Moraes, acerca da expansão do catolicismo, em Goiás, no século XVIII. Segundo a mesma, a difusão do catolicismo no Brasil, especialmente em Goiás, iniciou-se através dos bandeirantes portugueses e paulistas (MORAES, 2001, p. 96). De acordo com Moraes, o catolicismo oficial se estabeleceu em Vila Boa, local que representava o poder do Estado Português, com forte hierarquia sacerdotal e se manifestava pelo discurso lógico, coerente e global, privilegiando atos religiosos como sacramentos e cultos em que predominavam as doutrinas e as leis da Igreja Católica, sendo o seu principal objetivo conduzir a população através dos dogmas religiosos católicos (MORAES, 2001, p. 97).

De acordo com a mesma autora, a difusão do catolicismo popular, em Goiás, deve ser atribuída à distância da metrópole portuguesa. Tal situação fez que o catolicismo leigo se difundisse, promovendo o desenvolvimento de complexas formas culturais (MORAES, 2001, p. 97).

Moraes ainda analisa frei Nestor Schwarz, segundo este estudioso, em Goiás e também em diferentes localidades do Brasil, o

catolicismo popular se manifestou de dois tipos: o rural e o urbano. O primeiro caracterizado por oratórios no interior das casas e capelas na região, com grandes festas anuais dentro das quais aconteciam misturas de rezas, feiras, músicas e danças dentro da capela. Já, o segundo, o urbano, organizado por irmandades, que construíam suas igrejas e se dividiam em diferentes e específicos grupos sociais (SCHWARZ apud MORAES, 2.001, p. 105). De acordo com este debate, podemos afirmar que as antigas novenas que se fazia na zona rural de Catalão se enquadravam dentro de um catolicismo popular rural.

Ana Maria Bidegáin analisa a expansão do Cristianismo na América Latina. Segundo a historiadora, o Marquês Pombal, implantou certas mudanças na administração do Brasil colonial, dentre elas, a expulsão das ordens religiosas, em 1.759. Com isso, na nova administração colonial, a entrada de missionários, para a evangelização, era proibida, em regiões mineradoras como Minas Gerais, Goiás e Cuiabá (BIDEGÁIN, 1993, p. 309). Assim, acreditamos que a expansão do catolicismo popular, principalmente no Centro-Oeste brasileiro, está ligada à ausência de representantes do catolicismo oficial, como as ordens religiosas.

As práticas religiosas eram passadas de geração em geração, dos pais para os filhos, como o sr. Jorge Bernardes nos relata acerca da devoção aos santos e da adesão aos princípios católicos, os quais ele teria aprendido de seu pai. Enfatiza: “[...] meu pai deixô essa religião Católica pra nós, então nós segue” (Entrevista com sr. Jorge Bernardes, 2007, fl 3).

Nesta forma de catolicismo popular que eram aquelas festas religiosas – as antigas novenas que se realizava em Catalão – o momento mais esperado era o da a reza do terço cantado, comum nestas três fazendas do município de Catalão. De acordo com Geraldo Coelho Dias, as festas religiosas são, para o povo, uma ruptura com o cotidiano, a afirmação da sacralidade no tempo e a possibilidade de um encontro comunitário com Deus e os Santos, portanto uma *a n t e c i p a ç ã o d o R e i n o d e D e u s* (D I A S , <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros.2061.pdf>. 242)

O sr. Orlando descreveu o terço cantado, na sua época, e explicou como era:

O terço nosso toda vida. A novena e o terço cantado, era tudo igual, era do primero até o ultimo, tudo de um jeitim só e a festa cantada tinha o terço da novena mermo [...] o terço cantado é três de uma parte tinha o tiradô e o [...] que respondia (Entrevista com o sr. Orlando Limírio. 2007, fl. 6).

Não obstante ser conduzido por leigos, o “rezadô de terço” (Entrevista com sr. Jorge Bernardes, 1977). Tais pessoas que, na maioria das vezes, dispunham de pouco ou nenhum estudo, e a própria reza misturar português e latim, entendemos que a reza do terço cantado era um rito e estabelecia uma relação dos devotos com o Sagrado. Segundo José Croatto, o rito tem uma organização que implica na preparação dos atores, do lugar, dos objetos ou utensílios usados para a sua realização e é uma linguagem primária da experiência religiosa. O rito se manifesta, também, como uma prática periódica, de caráter social, submetida a regras precisas, objetivando a participação no divino. A dramatização faz do rito uma espécie de teatro para os espectadores (CROATTO, 2001, p. 329-331). Assim, o terço cantado praticado pelos rezadores era um rito em louvor dos Santos venerados e tinha uma alta apreciação popular de todos que participavam da novena.

Eliade enfatiza que “[...] o sagrado revela a realidade absoluta, e ao mesmo tempo torna possível a orientação, portanto funda o *mundo*, neste sentido que fixa os limites e por conseqüência estabelece a ordem cósmica” (ELIADE, s/d, p. 44). O Cristianismo, na Idade Média, substituiu a devoção aos deuses cósmicos pela devoção aos santos. Em ambos os casos, o devoto aproxima-se de algo divino, de algo que é transcendente. Assim sendo, entendemos que a devoção aos santos e as novenas em homenagem aos mesmos eram, para os nossos entrevistados, momentos sagrados.

Carlos Rodrigues Brandão discute em *Os deuses do Povo* o papel da liderança leiga nas orações e festejos populares e analisa a presença dos rezadores nos festejos religiosos arcaicos. Segundo o autor, o canto melancólico dos rezadores de terço representava o ponto sublime das festas religiosas populares. Segundo Brandão o catolicismo popular valoriza os rezadores da sua própria terra de origem, havendo a inexistência de hierarquias religiosas, algo comum nas grandes instituições religiosas católicas e evangélicas. Todo o conteúdo do catolicismo popular é da mesma região de origem do rezador

(BRANDÃO, 1986, p. 35). O sr. Orlando ilustra bem isto: nasceu e aprendeu a rezar o terço cantado na Fazenda Ribeirão.

Com relação aos Santos que eram objeto de devoção, descobrimos que eram São Sebastião,<sup>8</sup> Nossa Senhora da Abadia<sup>9</sup> e Divino Espírito Santo<sup>10</sup>. Sendo que São Sebastião era invocado nestas três localidades. Por ser um país com raízes tradicionais católicas, a colonização do Brasil esteve ligada fortemente ao Catolicismo português, assim, as manifestações religiosas populares lusas, como as devoções aos Santos, foram difundidas pelo interior do Brasil, desde o início da colonização. São Sebastião, N. Sra. da Abadia e o Divino Espírito Santo eram venerados em Portugal, desde a Idade Média: São Sebastião era invocado contra as pestes<sup>11</sup> e Nossa Senhora da Abadia era invocada como Santa Maria do Bouro. Especialmente, na zona rural de Catalão, São Sebastião e Nossa Senhora de Abadia ainda são muito invocados pela população.

---

<sup>8</sup> De acordo com Megale (2002, p. 149), São Sebastião nasceu em Narbona, no século III, e foi educado em Milão. Sebastião era um homem guerreiro e era Chefe da Guarda Pretoriana. Pelo seu cargo de chefe militar aproveitava a situação para converter à fé cristã soldados e prisioneiros. O Santo foi morto por não aceitar presentes e ofertas tentadoras, pelo qual foi assassinado por flechadas, despido e atado numa árvore. São Sebastião é muito popular no Brasil e sendo padroeiro da cidade do Rio de Janeiro. Os devotos de São Sebastião geralmente recorrem à sua proteção contra epidemias, guerras, pestes, fome e etc.

<sup>9</sup> Conforme o padre Juarez de Castro, Nossa Senhora da Abadia também é conhecida como Santa Maria do Bouro, por ser uma devoção originária do convento do Bouro, próximo à cidade de Braga, em Portugal, que remonta aos séculos da reconquista (Sec. XI e XII). Nossa Senhora da Abadia, é uma Santa muito venerada pelos portugueses, principalmente na região de Braga. A imagem de Nossa Senhora da Abadia foi trazida por um devoto bracarense, para o Triângulo Mineiro. De lá, a devoção se espalhou para a capitania de Goiás, especialmente em Muquém e Vila Boa. Em Vila Boa, foi-lhe construída uma matriz, ainda no século XVIII. (<<http://www.padrejuarez.com.br/nossasenhora/nossasenhora-titulos-abadia.htm>>)

<sup>10</sup> Sobre a devoção ao Divino Espírito Santo, existem evidências que teria começado, no Brasil, durante o ciclo da mineração em Goiás e Minas Gerais, assim muitos estudiosos acreditam que teria vindo com os primeiros missionários e colonos portugueses. A festa do Divino Espírito Santo é realizada no Domingo de Pentecostes, que acontece sempre cinquenta dias depois da Páscoa, quando se lembra a vinda do Espírito Santo sobre os apóstolos. Há vários cultos ao Divino Espírito Santo em muitas cidades da região central do Brasil. (<<http://www.aguaforte.com/antropologia/festaabrilseira/AFestadoDivino.html>>) Esta, também, é uma devoção que se desenvolveu na Idade Média e que nos foi trazida pelos colonizadores portugueses.

<sup>11</sup> A este respeito ver o artigo de Bastos (1997, p. 183-205). O autor mostra como São Sebastião era invocado em toda Idade Média, contra os horrores da peste. Por ocasião da Peste Negra (1348) e nos anos seguintes passou a ser bastante invocado em Portugal, juntamente com São Roque.

Verificamos, outrossim, que naquelas antigas novenas, também era importante a ocasião dada ao entretenimento. O sr. Jorge Bernardes lembra que, na fazenda Tambiocó, a festa começava ... “com reza, um terço e dali passava com pagodim (Entrevista com sr. Jorge Bernardes, 2007, fl.1), isto é, começava com a parte devocional, depois passava à uma parte considerada profana, à dança. O sr. Manoel, também fala do “baile” (Entrevista com o sr. Manoel Aristeu, 2007, fl. 2), como um componente da festa. Portanto, a dança, o baile, faziam parte daquelas novenas. De fato, as antigas novenas eram espaço privilegiado para a manutenção da sociabilidade familiar e vicinal, seja com relação à religiosidade ou à festa..

Entretanto, percebeu-se um processo de transformação das antigas novenas. Talvez porque fazendas mais próximas do centro urbano, isto ocorreu nestas três localidades, a partir da década de 1960. Este processo culminou com transformação daquelas novenas em “festas de roça” – eventos festivos, normalmente agregados à memória das antigas novenas; são caracterizadas por grandes leilões, bailes animados por conjuntos, bandas e ou até cantores sertanejos e a parte religiosa, mais tímida, com terços conduzidos por um pequeno grupo de mulheres e uma celebração – normalmente a Missa – a cargo do clero local ou de Ministros.

Nas localidades estudadas, as novenas, antes realizadas nas casas dos festeiros, passaram a ser realizadas em capelas ou centros comunitários. Estes últimos são espaços de convivência, construídos pela prefeitura do município e utilizados pela população rural do local para atendimentos médicos, festas religiosas, palestras e etc.

Por exemplo, o processo de participação da Igreja Católica nas novenas, na região do Tambiocó, aumentou quando os moradores da região resolveram construir uma capela, o quê proporcionou o início do processo de interferência da Igreja Católica nas novenas daquele local. Isto foi confirmado pelo sr. Jorge Bernardes: “O padre ia antes... depois qui fundô a Igreja lá, aí eles participô mais, ia era muito poco, ia [...] rezadô de terço, agora o padre participa, o padre da assistência lá.” (Entrevista com sr. Jorge Bernardes, 2007, fl. 1). Notar a substituição do rezador, um leigo, pelo padre, um representante oficial da Igreja.

Para o sr. Manuel, as novenas nas fazendas de Catalão perderam seu significado religioso pelo desejo da Igreja Católica lucrar sobre as

rendas: “[... ] saí pra sê festero, [...] os padre queria que fizesse as despesa, né, e o dinheiro da festa fosse tudo pra eles, eu interrei a festa, eu num quis fazê a festa, por que só, como diz o caso, só pra dá trabalho e agente não tê nada, eu não quis, eu não quis não[...]” (Entrevista com sr. Manuel, 2007, fl. 2).

Assim, se depreende que, com o tempo, as novenas passaram a serem controladas pela Igreja Católica, tanto no que toca à parte religiosa, como no que toca à requisição de uma parte da renda. O terço cantado foi sendo substituído pelo terço falado e pelas preocupações da Instituição, como por exemplo, em aproveitar tais ocasiões para a doutrinação dos fiéis ou a administração dos sacramentos. A questão da renda da festa foi outra questão interessante. De acordo com nossos entrevistados, não havia uma preocupação das antigas novenas em gerar renda. Sendo que antes as festas eram administradas pelo próprio povo e a renda eventualmente obtida tinha como objetivo a realização da festa, fosse a do ano em curso ou a do próximo ano. Mas com a interferência da Igreja Católica, estimulou-se a geração de renda, inclusive, parte significativa da mesma passou a ser requisitada pela Instituição. Com isto foi se substituindo todo um sistema cultural por outro, com representações, valores, lideranças...

Atualmente, as festas, nas zonas rurais de Catalão, possuem um grande número de estabelecimentos comerciais como bares e restaurantes. Tal situação as diferencia das antigas novenas que se faziam no município de Catalão. Jane Ferreira ao analisar a entrada de capital nos festejos religiosos leigos na comunidade rural de Santa Cruz, em Cumari, detectou o avanço do capitalismo, também nesta instância, havendo modificações na condução das festas religiosas populares, com uma maior duração dos leilões. Detectou inclusive uma profissionalização de leiloeiros para as festas de roça (FERREIRA, 1999, p. 49-65).

Os aspectos: fé, devoção e respeito por parte da população, são outros fatores de transformação das novenas, nas zonas rurais de Catalão, destacados por todos os nossos entrevistados. Eles afirmam que, atualmente, a maioria do público não participa da parte religiosa da festa, mas só dos festejos profanos. O sr. Orlando comentou: “Isso tudo tem que havê com o sistema, né? Antigamente [...] o sistema do povo antigo [...] era muito religioso [...]” (Entrevista com sr. Orlando Limírio, 2.007, fl. 4)

O sr. Orlando, ainda lembra o aumento das religiões evangélicas nas zonas rurais, conforme comentou: “Muito deferente hoje muitas religião, tá misturada demais né? [...] antigamente não tinha esse negócio quase, de mistura de religião, né?” (Entrevista sr. Orlando Limírio, 2.007, fl. 4) Com efeito, Fernando Souza Cruz Filho apontou o crescimento das denominações Assembléia de Deus e Congregação Cristã no Brasil, na zona rural de Catalão, nas últimas três décadas (CRUZ FILHO, 2006, p. 26).

O sr. Jorge Bernardes aponta como principal motivo para a transformação das antigas novenas, na fazenda Tambiocó, o processo de modernização que afetou Catalão, nas últimas décadas, inclusive com o êxodo rural. “[...] Até que hoje tá no ponto qui tá, as roças hoje tá muito abandonada, hoje num tem mais quase dizê da roça, por que vieram todo mundo pra cá [...]” (Entrevista com sr. Jorge Bernardes, 2007, fl.1). Algo intensificado com a chegada de várias empresas mineradoras e o avanço técnico da agricultura no sudeste goiano.

Acreditamos que o processo de transformação das antigas novenas em “festas de roça” no município de Catalão é devedor das próprias transformações da Igreja Católica, na região, bem como do processo de modernização da agricultura em Catalão, com a penetração do capitalismo no Campo.

Primeiramente, há que destacar que com a chegada dos frades franciscanos norte americanos, em Catalão – ocorrida na década de 1940 – e o trabalho catequético das Irmãs Catequistas de Nossa Senhora da Visitação – a partir da década de 1960 – intensificou-se o processo de romanização do catolicismo em Catalão<sup>12</sup> e criou-se uma preocupação dos festeiros em informar para a Igreja Católica a

---

<sup>12</sup> De acordo com nota explicativa, Tavares (2006, p. 16-17) esclarece como se deu o processo de romanização no Brasil: “No final do segundo reinado, surgiu no Brasil um movimento dirigido pela hierarquia eclesiástica, cujo objetivo era colocar não só o Brasil, mas também o mundo sob a direção da Santa Sé. Esse movimento foi incentivado pelos Embaixadores do Papa, e certamente foi iniciado a partir do sentimento de piedade para com o Sumo Pontífice, durante o período da unificação italiana, que reduziu consideravelmente os Estados Pontifícios. Atingir o Papa foi considerado o mesmo que ofender a Deus. Os representantes da Cúria Romana se disseminaram pelo mundo. Um processo de Reforma total começou a ser implantado e, para melhor compreensão do mesmo, alguns estudiosos dividiram esse processo em três fases: Primeiramente se fez uma Reforma Católica, seguida de uma Reorganização Eclesiástica e, sucessivamente, a Restauração Católica. Pretendia-se a formação de um clero piedoso e santo, observante do celibato eclesiástico, com rígida

realização e programação das novenas e, conseqüentemente, favoreceu a interferência da Igreja.

Segundo Marli José Tavares, os missionários franciscanos e as Irmãs Catequistas, agentes oficiais da Igreja Católica, ao adentrar aqueles espaços de religiosidade popular, que eram as novenas, muitas vezes se escandalizaram com o nível de ignorância e supertições dos devotos, impuseram os valores e as práticas ultramontanas, dando ênfase à sacramentalização, à liturgia e à doutrinação, desta forma começaram a combater o catolicismo leigo e arcaico nas comunidades rurais em Catalão (TAVARES, 2006, p. 26-36). Nas últimas décadas, a presença de padres ou de ministros extraordinários, nas novenas, tem ocorrido com freqüência, alterando as manifestações daquela forma de piedade popular; além, é claro, da cobrança de um percentual sobre a renda da festa.

Com relação às transformações da agricultura, na região, segundo Helena Angélica de Mesquita, o objetivo da modernização da agricultura é aumentar a produção de alimentos e o rendimento em alta escala da terra. No município de Catalão, as décadas de 70 e 80, foram marcadas pelo desenvolvimento da agricultura comercial intensiva (MESQUITA, 1993, p. 19-29).

Também, Mesquita afirma que as novas técnicas, com equipamentos sofisticados e métodos modernos no campo, bem como a especialização do trabalho na zona rural proporcionou o uso mínimo de mão de obra na zona rural. A concentração fundiária e a exclusão social inerentes à nova agricultura incentivaram a emigração da população rural para a cidade de Catalão e promoveu uma alteração na estruturação

---

disciplina. Era preciso então uma preparação teológica dos clérigos, entretanto tal preparação, extremamente voltada para os valores europeus levou ao afastamento do clero local em relação à sociedade brasileira, à sua cultura e também do seu povo. O número de seminários aumentou significativamente, isso para a preparação dos futuros sacerdotes. A direção desses seminários estava com os religiosos europeus: padres lazaristas e capuchinhos franceses, dentre outros. Com essa disciplina o resultado só poderia ser um clero de conduta rígida e puritana, com bastante conhecimento da doutrina religiosa, mas com pouca sensibilidade para com os problemas socioculturais brasileiros. Em se tratando do povo cristão, o movimento romanista precisava afastá-lo do catolicismo luso-brasileiro, marcadamente devocional, e submetê-lo às práticas do catolicismo romano, com ênfase no aspecto doutrinário e sacramental. A separação entre a Igreja e o Estado favoreceu muito à romanização no Brasil, pois a Igreja perdeu o direito à subvenção aos cofres públicos; assim os laços se estreitaram entre a Igreja do Brasil e a Igreja de Roma”.

social do campesinato na região (MESQUITA, 1993, p. 9). Mesquita ainda ressalta que o próprio sistema capitalista transforma os pequenos proprietários em vendedores de sua força de trabalho, como proletários (MESQUITA, 1993, p. 16). Com isto, houve um crescimento acentuado da população urbana (MESQUITA, 1993, p. 29).

Ainda com relação à transformação da agricultura, em Catalão, Marcelo Mendonça fala que a região Centro-Oeste acompanhou o fluxo da economia nacional orientada pela modernização da agropecuária. A implantação do processo modernizador da agricultura procurou atender às necessidades do mercado externo internacional. As várias políticas públicas atribuídas pelas facilidades de crédito, abertura de novos mercados e as melhorias do sistema de abastecimento determinaram alterações nas relações do camponês com a terra (MENDONÇA, 1998, p. 53-54).

De acordo com este autor, muitas famílias oriundas da Região Sul e do estado de São Paulo vieram, para o município desta cidade, com o objetivo de aquisição de faixas de terras, na região, transformando-se em grandes produtores rurais, com o objetivo de uma produção em alta escala (MENDONÇA, 1998, p. 57).

Ora, entendemos que estas transformações da agricultura local tiveram uma repercussão imediata na sociedade. Boa parte da população rural acabou migrando do campo para a cidade. Com isto, os laços sociais que mantinham nas zonas rurais foram alterados e as formas de sociabilidade, também. Na cidade, encontraram outras formas de manifestação religiosa, de entretenimento, de trabalho etc. Se ainda mantém laços com a zona rural e até com as novenas, tal relação tomou outras formas, como é o caso das atuais “festas de roça.”.

Percebemos que os nossos entrevistados se referem às antigas novenas, especialmente o terço cantado, com saudades. Também, Jane Ferreira menciona isto, com relação à festa de Santa Cruz, em Cumari, comentando inclusive que a manutenção do “terço cantado”, realizado pelas pessoas mais velhas é uma forma de resistência popular, pois em outras localidades o mesmo foi extinto e substituído pelo terço falado (FERREIRA, 1999, p. 57).

Entendemos que o terço cantado represente<sup>13</sup>, especialmente para as pessoas mais velhas e que participaram das antigas novenas, todo um modo de vida – que incluía a relação com o divino e os laços sociais, com as diversas formas de solidariedade e de sociabilidades, ou seja, um conjunto de práticas e valores – que elas viveram e que, atualmente sofre interferências diversas.

As antigas novenas que eram realizadas nas fazendas, Mata Preta, Ribeirão e Tambiocó, no município de Catalão, constituem indícios de um catolicismo leigo e popular na região, devedor do próprio catolicismo popular medieval, com a devoção aos Santos. São Sebastião, Nossa Senhora da Abadia e Divino Espírito Santo eram venerados pelos portugueses no fim da Idade Média. Com certeza, foram os colonos portugueses que trouxeram estas devoções para o Brasil, e quiçá para Catalão, também.

Ao longo da análise comparativa das novenas que se realizavam nestas três fazendas, verificamos que havia muitas semelhanças entre elas. Tanto nas práticas devocionais, como o terço cantado, como nos santos invocados; inclusive, São Sebastião era alvo de devoção nestas três fazendas. Similitude, também foi encontrada na condução dos festejos, por partes dos leigos – rezadores, festeiros e juizes – como nas formas de entretenimento, as danças. Ainda houve semelhança no processo de transformação das antigas novenas em “festas de roça”, nos três locais,

---

<sup>13</sup> Tomamos o conceito de representação a partir de Roger Chartier o qual o define de duas formas: a primeira: “a representação como dando a ver a coisa ausente, o que supõe uma distinção radical entre aquilo que representa e aquilo que é representado;” e a segunda: “a representação como exibição de uma presença, como apresentação pública de algo ou de alguém”. O autor afirma que: “No primeiro sentido, a representação é instrumento de um conhecimento mediato que faz ver um objecto ausente através da sua memória e de o figurar tal como ele é” (CHARTIER, 1990, p. 20). É a partir desta acepção, da representação como instrumento mediato que faz ver um objeto ausente através da sua substituição por uma imagem, que incide todo o esforço da reflexão teórico-metodológica do autor, o qual afirma que: “Mais que o conceito de mentalidade ela [a representação] permite articular três modalidades da relação com o mundo social: em primeiro lugar, o trabalho de classificação e de delimitação que produz as configurações intelectuais múltiplas, através das quais a realidade é contraditoriamente construída pelos diferentes grupos; seguidamente, as práticas que visam fazer reconhecer uma identidade social, exibir uma maneira própria de estar no mundo, significar simbolicamente um estatuto e uma posição; por fim, as formas institucionalizadas e objectivadas graças às quais uns “representantes” (instâncias colectivas ou pessoas singulares) marcam de forma visível e perpetuada a existência do grupo, da classe ou da comunidade” (CHARTIER, 1990, p. 23).

até mesmo no que toca aos fatores desencadeadores da referida transformação.

## Fontes e Referências Bibliográficas

### A) Fontes

Entrevista realizada com o sr. Orlando Limírio - Fazenda Ribeirão, em 2007, para o projeto o de pesquisa *As novenas na zona rural de Catalão: Momentos de festejo, louvor e transgressão* (Dos primórdios da cidade à década de 1960).

Entrevista realizada com o sr. Manuel - Fazenda Mata Preta, em 2007, para o projeto o de pesquisa *As novenas na zona rural de Catalão: Momentos de festejo, louvor e transgressão* (Dos primórdios da cidade à década de 1960).

Entrevista realizada com o sr. Jorge Bernardes - Fazenda Tambiocó, em 2007, para o projeto de pesquisa *As novenas na zona rural de Catalão: Momentos de festejo, louvor e transgressão* (Dos primórdios da cidade à década de 1960).

RAMOS, Cornélio. *Catalão de ontem e de hoje*. Curiosos fragmentos de nossa História. Goiânia. EdUCG, 1984.

### B) Referências Bibliográficas

BASTOS, Mário Jorge da Motta. Pecado, Castigo e Redenção: a Peste como Elemento do Proselitismo Cristão (Portugal, Séculos XIV/XVI) · *Tempo*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 183-205, 1997. Disponível em <[www.historia.uff.br/tempo/artigos\\_livres/artg3-8.pdf](http://www.historia.uff.br/tempo/artigos_livres/artg3-8.pdf)> Acesso em: 31 jul. 2007.

BORGES, Valdeci Rezende. A nova História e a História cultural. In: SANTOS, Regma M. dos (Org). *História e linguagens: literatura, música, oralidade, cinema*. Uberlândia, MG: Aspectus/FUNAPE, 2003. p. 21-40.

BRANDÃO, Carlos R. *Os deuses do povo: um estudo sobre religião popular*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense. 1986.

BRANDÃO, Carlos R. *De tão longe eu venho vindo: símbolos, gestos e rituais do catolicismo popular em Goiás*. Goiânia: EdUFG, 2004.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Trad. Maria Manuela Galhardo. Lisboa: DIFEL; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CRUZ FILHO, Fernando Souza. *As transformações das vivências religiosas em Catalão: (1975-2005)*. Relatório Final. Programa Institucional Voluntário de Iniciação Científica. Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação. Coordenação Geral de Pesquisa. Universidade Federal de Goiás. Mimeografado. Catalão. 2007.

D'ALÉSIO, Márcia M. Memória: leituras de M. Halbwachs e P. Nora. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 13, n. 25/26, p. 97-103, set. 1992.

DIAS, Geraldo Coelho. A devoção do povo português a Nossa Senhora nos Tempos Modernos. *Revista da Faculdade de Letras*. Disponível em: <ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/2061.pdf.> Acesso em: 31 jul. 2007.

FERREIRA, J. I. F. *A festa de Santa Cruz: cultura popular*. Catalão: CAC/UFG, 1999.

MEGALE, Nilza Botelho. *Santos do povo brasileiro*. Petrópolis: Vozes, 2002.

MESQUISTA, Helena A. de. *A modernização da agricultura: o caso de Catalão*. 1993. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia.

MENDONÇA, Marcelo Rodrigues. *A questão regional e o campesinato - a alhicultura em Catalão - GO*. 1998. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia.

SITE: <http://www.padrejuarez.com.br/nossasenhora/nossasenhora-titulos-abadia.htm>. Acesso em: 31 jul. 2007.

TAVARES, Marli José. *Entre vida religiosa e vida secular*. Dos fundadores ao Instituto das Irmãs Catequistas de Nossa Senhora da Visitação. 2006. Monografia (IFC)- Universidade Federal de Goiás, Catalão.

Artigo recebido em abril de 2008 e aceito para publicação em outubro de 2008.